

**A EMERGÊNCIA E A EXPANSÃO DE USOS LINGUÍSTICOS
INOVADORES EM COMUNIDADE DE PRÁTICAS:
O CASO DE {-STE} NA PÁGINA TAL QUAL DUBLAGENS**

THE EMERGENCE AND THE EXPANSION OF
INNOVATIVE LANGUAGE USES IN THE COMMUNITY OF PRACTICE:
THE CASE OF {-STE} ON THE TAL QUAL DUBLAGENS PAGE

Kamilla Oliveira do Amaral | [Lattes](#) | amaralkamilla17@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo: O objetivo deste estudo é analisar, em perspectiva sincrônica, como se dá a emergência e expansão de novos usos do item {-ste}, em ocorrências como *Mana, tu arrasaste; Eu já compreistes o meu fuleira!!!!; Cadeeestes demoniia!?!? e Manaa acho que tey boystes* já terminou o serviço!, coletadas em posts e comentários de um site de rede social, a página *Tal Qual Dublagens* no Instagram, vista como uma comunidade de práticas (ECKERT, 2006). Porque os novos usos do item em questão parecem envolver expansão da base contextual a que {-ste} se agrega; semântico-pragmática e categorial, o interpretamos como uma hipótese de gramaticalização como expansão. Para dar suporte teórico a esta análise, nos baseamos em discussões propostas por Traugott (2002, 2008, 2010), Hopper e Traugott (2003) e Heine et al. (1991).

Palavras-chave: Usos linguísticos inovadores; Expansão semântico-pragmática e categorial; Gramaticalização.

Abstract: The aim of this study is to analyze, in a synchronic perspective, the emergence and the expansion of new uses of the item {-ste}, in occurrences like *Mana, tu arrasaste; Eu já compreistes o meu fuleira!!!!; Cadeeestes demoniia!?!? e Manaa acho que tey boystes* já terminou o serviço!, collected in posts and comments from a social networking site, the *Tal Qual Dublagens* page in Instagram, which is viewed as a community of practice (ECKERT, 2006). Because the new uses of the target item seem to involve expansion of the contextual base to which {-ste} is added, semantic-pragmatic and categorial expansion, we interpret these new uses as cases of grammaticalization as expansion. The theoretical support for the analysis is based on Traugott (2002, 2008, 2010), Hopper and Traugott (2003) and Heine et al. (1991).

Keywords: Innovative linguistic uses; Semantic-pragmatic and categorial expansion; Grammaticalization.

1 Introdução

Os falantes estão constantemente, durante as situações comunicativas, buscando por uma maior expressividade em suas relações interacionais, e isso tem sido apontado como um dos principais responsáveis pela emergência de usos inovadores na língua. A emergência de usos na gramática de uma comunidade pode ser desencadeada a partir de inovações de um único indivíduo em determinados contextos. Em situações dialogais, por exemplo, acredita-se que a atuação de pressões comunicativas e socialmente simbólicas (de natureza identitária e ideológica) pode conduzir essa inovação a um uso mais recorrente entre uma maior quantidade de sujeitos. Quanto mais a inovação linguística é propagada, mais esses novos usos passam a ser utilizados em diversas situações além de seu contexto (morfo-sintático e pragmático) canônico, o que parece apontar para a ocorrência de um processo gradual de mudança (tomada de uma perspectiva funcionalista), denominado gramaticalização (GR) (TRAUGOTT, 2010).

Ao tomarmos GR como um processo que prevê *expansão categorial* – isto é, novos usos passam a desempenhar novas categorias gramaticais – e *expansão semântico-pragmática* – ou seja, novas funções/significações são criadas para esses novos usos – aspectos semântico-cognitivos e pragmático-discursivos são acionados para a explicação desse tipo de processo. Desse modo, em situações de interação que se dão no interior de comunidades de práticas (CP)¹, como a que ocorre com o objeto desta pesquisa, acreditamos que a emergência e expansão de usos inovadores, interpretadas como um caso de GR, sejam motivadas substancialmente por forças e pressões semântico-pragmáticas, ainda que forças socialmente simbólicas, sobretudo de natureza socioidentitária, também possam estar correlacionadas, como é discutido na pesquisa de Amaral (2020).

Considerando essa breve contextualização teórica, o objetivo central deste estudo é analisar como se dá a emergência e expansão de novos usos do item {-ste}, em ocorrências como *Mana, tu arrasaste; Eu já compreistes o meu fuleira!!!!; Cadeeestes demoniia!?!?* e *Manaa acho que tey boystes* já terminou o serviço!. Tais processos são interpretados, a partir da perspectiva de GR, como extensão, uma vez que parecem envolver expansão da base contextual a que {-ste} se agrega; expansão semântico-pragmática e expansão categorial. É importante ressaltar ainda que a GR, enquanto fenômeno, pode ser analisada tanto em perspectiva sincrônica, quanto de uma diacrônica. Em relação a esta pesquisa, trabalhamos com um possível caso de GR em uma abordagem sincrônica.

¹ Para Eckert (2006), uma comunidade de práticas corresponde a um grupo de pessoas que compartilham, entre outros, comportamentos, pontos de vistas, opiniões, valores e preceitos, relações de poder, formas de se comunicar.

Esta análise é ancorada teoricamente em propostas de Traugott (2002, 2008, 2010), Hopper e Traugott (2003) e Heine et al. (1991). Os dados que compõem o *corpus* da pesquisa foram coletados de *posts* e comentários em um site de rede social, a página *Tal Qual Dublagens* no Instagram, vista como uma comunidade de práticas, nos termos de Eckert (2006).

O artigo está estruturado em cinco seções: uma de Introdução, com duas subseções – uma sobre o *locus* da pesquisa e outra sobre o objeto investigado (desenvolvidas a seguir); uma seção sobre GR; uma sobre a composição da amostra; uma de descrição e discussão dos resultados, e uma última de considerações finais.

1.1 O *locus* da pesquisa

A página *Tal Qual Dublagens* (Figura 1) foi criada em novembro de 2011 pelo manauara Gustavo Libório e surge como uma brincadeira para entreter seus amigos e familiares. Gustavo, inicialmente, selecionava alguns vídeos disponíveis na Internet, fazia uma dublagem sobreposta às vozes dos personagens, com um toque de humor, ironia e sarcasmo, envoltos por uma linguagem predominantemente regional e coloquial, e os postava em seu canal no Youtube.

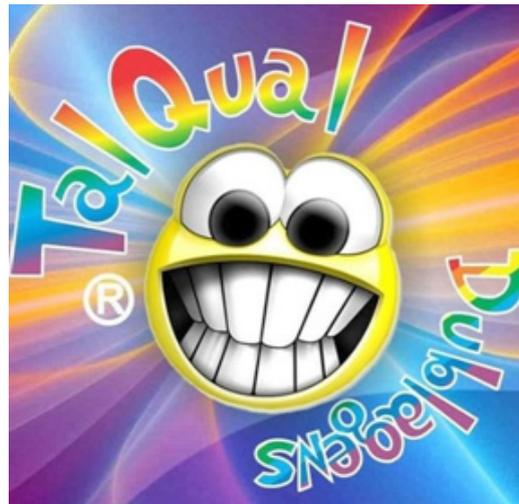
Com o crescimento do canal e a diversificação dos conteúdos abordados, a *Tal Qual Dublagens* se expande para outras redes sociais como o Facebook e o Instagram, para propiciar uma maior interação com seus seguidores. Com a entrada nesses territórios virtuais mais amplos, o público-alvo – que inicialmente compreendia a comunidade GLS² (gays, lésbicas e simpatizantes) e os amazonenses, mais especificamente os manauaras – é ampliado, fazendo com que a *Tal Qual Dublagens* adquirisse alcance nacional e até internacional. No último levantamento quantitativo que fizemos³, a *Tal Qual Dublagens* contava com mais de 249 mil inscritos no Youtube, mais de 43 milhões de visualizações e mais de 873 mil seguidores juntando os do Facebook e os do Instagram.

Os conteúdos produzidos pela *Tal Qual Dublagens*, seja por meio de seu canal no Youtube, sua Fanpage no Facebook ou sua página no Instagram, geram um contexto interacional altamente produtivo em termos de usos linguísticos inovadores. Além disso, esse espaço não físico, que tem características específicas (linguagem e gramática próprias), é um lugar onde os sujeitos podem criar e manter relações, onde podem aprender e conhecer uns aos outros, onde podem compartilhar valores, atitudes e crenças, onde podem criar e recriar suas identidades. E nesse cenário acreditamos que uma comunidade pode se estabelecer.

² O termo GLS é usado aqui em conformidade com a fala de Gustavo Libório em entrevista ao Portal Amazônia, embora se saiba que essa sigla entrou em desuso, sendo substituída por outras denominações, como LGBT, LGBTQI+, por exemplo.

³ Levantamento realizado em 22 de outubro de 2019.

Figura 1. Logo da Tal Qual Dublagens



Fonte: www.instagram.com/talqualoficial/

Considerando que observamos a dinâmica interacional da página por aproximadamente dois anos, acreditamos que esse processo de observação permite caracterizar este trabalho como um tipo de pesquisa etnográfica, mais especificamente o que se tem chamado como Etnografia Virtual (HINE, 2000). E como um dos resultados dessa experiência “em campo”, também acreditamos ser possível dizer que a *Tal Qual Dublagens*, entendida aqui como um grupo formado pela “titia Tal Qual”⁴ e seus seguidores, configura uma comunidade de práticas (CP) (ECKERT, 2006).

1.2 O objeto

Para este estudo, decidimos delimitar a análise aos dados extraídos de *posts* e comentários do Instagram da página. Pudemos perceber, em termos gerais, as situações descritas a seguir.

Verificamos que (i) o uso de {-ste} é introduzido por um único indivíduo, o criador da página, através de seus *posts* e, em seguida, seus seguidores passam a usar esse item em seus comentários; (ii) {-ste} possui treze formas alternativas de realização (-ste, -stes, -stez, steys, stesh, -stis, -stex, -rte, -rtes, -rtis, -rtex, -rtix, -rtyx)⁵; (iii) o referido item passa a ser empregado, seja pelo criador, seja pelos seus seguidores, em quatro diferentes contextos linguísticos de uso, mais diretamente relacionados ao tipo de base a que {-ste} se agrega.

O primeiro contexto de base, que chamamos de *base verbal canônica*⁶, respeita a seguinte configuração: Sujeito P2 (tu) + verbo no Pretérito Perfeito do Indicativo (PP),

⁴ Personagem criada para interagir de forma mais direta com os seguidores.

⁵ A alternância de -s por -r (como em -stes/-rtes) é um traço sonoro característico de realização da fricativa do falar manauara (cf. BERÇOT-RODRIGUES, 2014; AMARAL, 2016 e VASCONCELOS, 2017).

⁶ O contexto de base verbal canônica não deve ser confundido com o da norma-padrão. Corresponde tão somente à configuração prototípica da forma verbal canônica de P2, em que {-ste} e suas diferentes formas de realização codificam a desinência número-pessoal privativa de PP.

em que {-ste} corresponde à desinência número-pessoal privativa à PP e concorda necessariamente com P2⁷, como em (1), (2) e (3). O segundo, chamado de *base verbal não canônica*, é caracterizado pela ausência dos traços gramaticais que configurariam o uso canônico do item, como em (4), (5) e (6). O terceiro, chamado de *base não verbal*, corresponde ao emprego de {-ste} agregado a outras classes de palavras que não o verbo, como em (7), (8) e (9). E o quarto, corresponde ao emprego do item em *palavras de origem estrangeira*, como em (10), (11) e (12). Tais bases contextuais são ilustradas com ocorrências extraídas da amostra no Quadro 1.

Quadro 1. Dados ilustrativos das bases contextuais a que {-ste} se agrega

Base verbal canônica	Base verbal não canônica	Base não verbal	Palavras de origem estrangeira
(1) <i>Mana, tu arrasaste</i> (2) <i>Farrétempo que queria vestes e arrasastes</i> (3) <i>botartes a cara no sol mesmo né cachorra leprosen? Lindo!</i>	(4) <i>Ela menstruastexxx</i> (5) <i>Eu já compreistes o meu fuleira!!!!</i> (6) <i>tô com ódio, vou esculhambartes!</i>	(7) <i>piseistes no bodortes pelo amor de deustis</i> (8) <i>Cadeeestes demoniia!?!?</i> (9) <i>hazourtess. O sonho dela devia ser dançarinartes da Joelmartes</i>	(10) <i>Okeste bb</i> (11) <i>Manaa acho que tey boystes já terminou o serviço!</i> (12) <i>Enquanto a nova temporada não começa, vamos lembrar a @anapaularenavault enkaralhando no BBBêrtes. Vamos marcá-la pra ela ver???</i>

Fonte: Elaboração da autora, 2020

O levantamento geral das ocorrências do fenômeno na página mostra que as diferentes maneiras em que {-ste} é usado – que incluem não só suas formas de realização, mas também os tipos de base aos quais o item se agrega – parecem evidenciar, além de um cenário de variação entre as formas, uma expansão de contextos de uso de {-ste} para além de seu emprego canônico⁸, o que faz com que o consideremos como um fenômeno em GR, nos termos definidos a seguir.

2 Definindo Gramaticalização

Nesta seção, discorreremos sobre a concepção de GR que ancora o estudo, tratando ainda de princípios e parâmetros (Seção 2.1) e de motivações semântico-pragmáticas (Seção 2.2).

⁷ Entendemos por concordância com P2 o fato de {-ste} estar associado à segunda pessoa do discurso, não necessariamente na forma de concordância canônica.

⁸ Estamos considerando como contexto canônico de uso o de base verbal canônica, contemplando as diferentes formas de realização de {-ste} nesse contexto. Como se pode observar no Quadro 1, podem ocorrer nesse contexto outras formas além da DNP standard *-ste*.

Segundo Traugott (2010), um dos principais fatores a serem considerados na conceituação de GR, além (i) da natureza do fenômeno em GR e (ii) dos interesses e objetivos do pesquisador, é (iii) a perspectiva de GR e a concepção de gramática assumidas no estudo. Como já discutimos sobre (i) e (ii) na seção anterior, apresentamos a seguir o escopo teórico de GR em que se situa este estudo e a concepção de gramática tomada aqui.

Tendo em vista os interesses desta pesquisa e a natureza do fenômeno em análise, este estudo está alinhado com a perspectiva de GR como expansão que, de acordo com Himmelmann (2004 apud TRAUGOTT, 2010), pode desencadear três tipos de expansão de contexto: (i) expansão da classe hospedeira; (ii) expansão sintática e (iii) expansão semântico-pragmática.

Considerando que, na perspectiva de GR como expansão, os aspectos semânticos, discursivos e pragmáticos passam não só a serem vistos como componentes, mas como centrais para explicar os processos dinâmicos de construção das gramáticas, o próprio entendimento do que é gramática também é ampliado. Se, por um lado, na visão de GR como redução, Lehmann e Haspelmath, por exemplo, entendem a GR como uma mudança na forma e a gramática restrita aos níveis da sintaxe, morfologia e fonologia (TRAUGOTT, 2010), por outro lado, na visão como expansão, níveis mais complexos de análise, como a pragmática e o discurso, passam a ser entendidos como elementos da gramática, sendo vistos como forças atuantes no processo de mudança via GR.

Em convergência com a noção de expansão, assumimos, na linha de Givón (1995), Bybee e Hopper (2001) e Bybee (2006, 2010), que (i) a gramática é maleável e flexível e serve a funções cognitivas e comunicativas (GIVÓN, 1995); que (ii) “a gramática não é fixa e absoluta [...] mas é variável e probabilística em sua essência” (BYBEE; HOPPER, 2001, p. 19); e que (iii) a gramática é dinâmica em função de sua variabilidade e gradiente (BYBEE, 2006, 2010). Por tudo isso e em consonância ainda com a concepção de *gramática emergente*, proposta por Hopper (1987), entendemos que a gramática está em constante (re)criação e que ela muda no seio das relações discursivo-pragmáticas, inerentes à língua enquanto mecanismo de comunicação e interação e, por isso, não há lugar para pensar em regularidades gramaticais como fixas e pré-determinadas.

Antes de apresentar as definições de GR às quais os interesses deste estudo mais se aproximam, convém fazer um parêntese. As definições mais recentes emergem a partir da concepção de Kurylowickz, segundo a qual GR consiste no “[...] aumento do limite de um morfema que avança de um estado lexical para um gramatical ou de um menos gra-

gramatical para um mais gramatical” (KURYLOWICKZ, 1972 [1965], apud TRAUGOTT, 2010, p. 270). Essa definição evoca uma noção que implica ganho de gramaticalidade e, portanto, uma forma mais gramaticalizada deveria ser antecedida por formas menos gramaticais. Concepções como essa nos fizeram, inicialmente, indagar se o objeto desta pesquisa se configuraria ou não como um processo de mudança via GR, haja vista que a trajetória de mudança categorial de {-ste} parece indicar um percurso em que um item mais gramatical, como é a DNP (sufixo flexional), ao ser agregado a bases verbais não canônicas e a bases não verbais e palavras de origem estrangeira, passa a funcionar como o que podemos chamar, por ora, de sufixo derivacional, o que seria considerado um item menos gramatical. Tal problemática, a nosso ver, fica solucionada com base nas definições a seguir, especialmente a segunda e a terceira, que concebem que um item/construção, uma vez gramaticalizado(a), pode continuar a desenvolver *novas funções* e que essas funções não precisam ser necessariamente *mais gramaticais* do que as anteriores. Isso é central para entendermos que a mudança categorial de {-ste} pode sim ser entendida como um processo de GR ao se considerar que está em jogo é o ganho de novas funções.

Gramaticalização é o processo pelo qual material lexical, em *contextos pragmáticos e morfossintáticos altamente específicos*, torna-se gramatical [...] (TRAUGOTT, 1995, p. 1; grifo nosso)⁹.

[...] gramaticalização é a mudança através da qual construções e itens lexicais, em determinados contextos linguísticos, vêm a servir a funções gramaticais e, *uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais*. (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 18; grifo nosso)¹⁰.

[Gramaticalização é] a mudança por meio da qual, em determinados contextos linguísticos, *os falantes usam partes de uma construção com uma função gramatical*. Ao longo do tempo a construção gramatical resultante *pode continuar a assumir novas funções gramaticais* [...] (TRAUGOTT, 2008, p. 4; grifo nosso)¹¹.

Cada uma das definições anteriores apresenta elementos que nos interessam. Entretanto assumir uma ou outra faria com que características importantes do fenômeno em estudo não fossem contempladas, deixando-o a descoberto do escopo da GR. Para

⁹ “Grammaticalization is the process whereby lexical material in highly constrained pragmatic and morphosyntactic contexts becomes grammatical [...]” (TRAUGOTT, 1995, p. 1)

¹⁰ “[...] grammaticalization is the change whereby lexical items and constructions come in certain linguistic contexts to serve grammatical functions, and, once grammaticalized, continue to develop new functions.” (HOPPER; TRAUGOTT, 2003, p. 18)

¹¹ “The change whereby in certain linguistic contexts speakers use parts of a construction with a grammatical function. Over time the resulting grammatical construction may continue to be assigned new grammatical functions [...]”

resolver isso, nos valem da definição proposta por Valle (2014), que integra os pontos centrais que ressaltamos. Portanto, assim como a autora, entendemos GR como

[...] a mudança através da qual construções e/ou itens lexicais, *usados pelos falantes em contextos pragmáticos e morfossintáticos altamente específicos, vêm a servir a funções mais gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais.* (VALLE, 2014, p. 114; grifo nosso)

2.1 Princípios e parâmetros de gramaticalização

A GR enquanto fenômeno¹² pode ser analisada tanto em perspectiva sincrônica, quanto diacrônica, ainda que, para alguns teóricos, seja um tipo particular de mudança histórica (cf. LEHMANN, 1985). Em relação a esta pesquisa, trabalhamos com um fenômeno em GR em uma abordagem sincrônica. Tendo isso em vista, e considerando que a GR é uma mudança linguística que ocorre de maneira gradual, é central para que possamos desenvolver uma análise refinada e coerente a identificação de: (i) aspectos que caracterizam o processo de GR, sobretudo nos estágios iniciais; bem como de (ii) características das formas em mudança.

Nesse sentido, quanto aos aspectos que caracterizam o processo inicial de mudança, evocamos os cinco princípios formulados por Hopper (1991): (i) *estratificação* – novas camadas surgem continuamente dentro de um domínio funcional, podendo coexistir com as camadas mais antigas do domínio; (ii) *divergência* – quando uma forma lexical se gramaticaliza, a forma original pode permanecer como um elemento autônomo sujeito às mesmas mudanças que afetam os itens lexicais; (iii) *especialização* – um domínio funcional pode abrigar, em dado estágio, várias formas com nuances diferentes de significado, mas à medida que ocorre a GR, vão permanecendo apenas algumas, que assumem significados mais gerais; (iv) *persistência* – quando uma forma muda de uma função lexical para uma gramatical, alguns traços de seu significado lexical de origem podem aderir à nova função e aspectos de sua história podem se refletir em sua distribuição gramatical; (v) – *descategorização* – formas em GR tendem a perder ou neutralizar traços morfossintáticos característicos de categorias primárias (substantivo e verbo) e assumir traços de categorias secundárias (adjetivo, particípio, preposição etc.)

¹² O termo gramaticalização costuma ser usado com diferentes acepções: como uma abordagem de estudo da língua que se interessa por compreender como as formas surgem e se desenvolvem no uso (como um paradigma); como um processo de mudança observado ao longo do tempo; ou mesmo como um fenômeno em estudo, observado sincrônica ou diacronicamente. Neste trabalho, transitamos entre o fenômeno e o processo de mudança envolvido.

Os parâmetros formulados por Heine e Kuteva (2007) também são centrais para a identificação de características de formas em GR: (i) *extensão* – expressões linguísticas estendidas para novos contextos levam ao surgimento de novos significados gramaticais, por interpretação induzida pelo contexto pragmático; (ii) *dessemantização* – perda ou generalização de significado; (iii) *decatégorização* – perda de propriedades morfossintáticas; e (iv) *erosão* – perda de substância fonética. Tais parâmetros, segundo os autores, afetam diacronicamente o processo de mudança de forma gradual a partir de um direcional *extensão > dessemantização > decatégorização > erosão*.

Como os três últimos parâmetros são mais aplicáveis a uma noção de GR como redução, priorizamos o primeiro parâmetro tendo em vista que (i) a perspectiva de GR como redução não converge com os interesses desta pesquisa; (ii) os parâmetros estão organizados diacronicamente e, por isso, extensão é o parâmetro mais indicado para explicar estágios iniciais de GR pelos quais acreditamos estar passando o item {-ste} na amostra analisada. Além disso, a extensão coloca foco nos ganhos e não nas perdas e integra três elementos essenciais: a) *o componente sociolinguístico* – usos inovadores de formas/construções que podem dar início a um processo de GR são realizados por meio de práticas linguísticas de um único sujeito e espalhados, através da inserção desses usos, nas práticas de outros falantes; b) *o componente pragmático-discursivo* – quanto mais funções pragmático-discursivas um item/construção passa a desempenhar, mais as regras que restringem alguns usos em determinados contextos são quebradas, fazendo com que emergjam novos contextos de uso e/ou contextos de uso mais gerais; c) *o componente semântico* – à medida que os contextos de uso são expandidos, os significados da forma passam a acompanhar a expansão através de movimentos de resignificação (HEINE; KUTEVA, 2007).

2.2 Motivações semântico-pragmáticas

Para além de motivações internas, mudanças linguísticas em geral são impulsionadas por dois processos correlacionados: processos metafóricos, que atuam no escopo de uma interface semântico-cognitiva, e processos metonímicos, que evocam a análise de aspectos pragmático-comunicativos na GR (TRAUGOTT, 1988; HEINE et al., 1991). Tais processos não são excludentes, mas complementares e centrais para explicar por que os falantes ampliam o uso de um item já existente na língua, atribuindo-lhe novas funções e significados.

Em uma instância metafórica, conceitos mais complexos que emergem no domínio-alvo são descritos ou entendidos por meio de conceitos concretos ou menos com-

plexos provenientes do domínio-fonte. Durante a GR, essas transferências conceituais seguem uma trajetória de mudança que leva cada novo significado atribuído ao item a se tornar cada vez mais abstrato à medida que passa a ser compreendido no domínio-alvo com base na relação de similaridade que mantém com o domínio-fonte (HEINE et al., 1991).

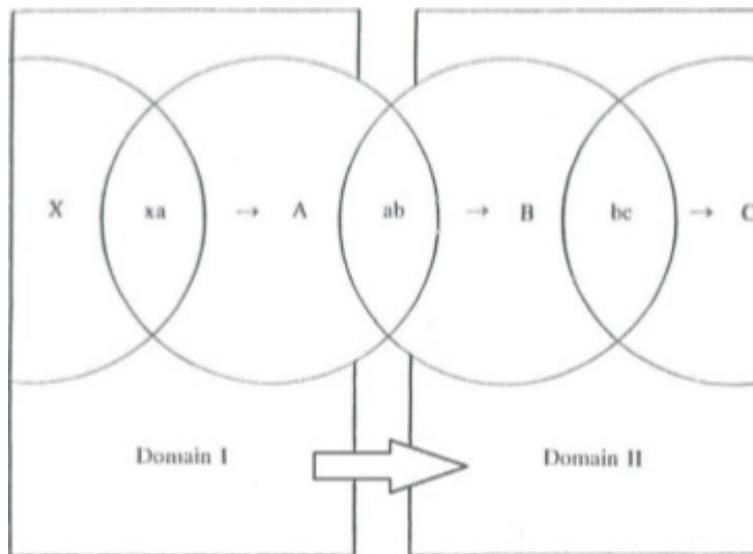
Além de processos metafóricos, durante o processo de GR, na transferência conceitual de um domínio A para um domínio B ($A > B$), podem ocorrer mudanças não mais estabelecidas por meio da relação de similaridade entre os domínios, e sim através de associações de contiguidade a partir de processos metonímicos, manifestados no modo como os falantes expressam linguisticamente suas experiências. Entretanto, diferentemente de como ocorrem os processos metafóricos, as transferências conceituais através da metonímia não são estabelecidas através da relação direta entre ($A > B$), e sim a partir de expansões semântico-pragmáticas dentro de um único domínio funcional híbrido (AB). (HEINE et al., 1991).

Como o papel da metonímia não é gerar a compreensão de um domínio com base em outro, ela atua, substancialmente, de modo que sejamos capazes de projetar conceitualmente uma experiência interna com base na expansão de significados que estão presentes e disponíveis no contexto comunicativo, o que não acontece a partir de processos metafóricos (KÖVECSSES, 2010; RUIZ DE MENDOZA, 2014).

Porque esses novos significados podem emergir no contexto de uso através de processos metonímicos, a mudança conceitual na GR fica sensível ao efeito e às condições de realização de inferências comunicativas. Heine et al. (1991) argumentam que, durante um processo de GR, certas estratégias comunicativas, tais como pressão por informatividade, reforço pragmático e convencionalização de implicaturas conversacionais, podem ser os principais responsáveis pela criação de novos significados para um item linguístico, o que parece impulsioná-lo mais fortemente a uma maior GR.

Considerando que instâncias metafóricas e metonímicas podem atuar conjuntamente na GR, Heine et al. (1991) propõem pensarmos essa relação com base no modelo representado pela Figura 2.

Figura 2. Modelo metafórico-metonímico de GR



Fonte: Heine et al. (1991, p. 114)

Ao propor esse modelo, os autores oferecem uma visão de GR tanto do ponto de vista cognitivo, considerando que a passagem de um domínio I para um domínio II é feita via transferência metafórica com base em noções de similaridade ou analogia; quanto do comunicativo, considerando que durante essa mesma passagem subdomínios são gerados e a partir disso a GR passa a configurar um processo de mudanças em cadeia – pelo qual os significados de um item passam a ser continuamente reinterpretados (reanalisados) pelo contexto, através de processos metonímicos, pressão por informatividade, convencionalização de implicaturas conversacionais e reforço pragmático.

3 Composição da amostra

A análise da emergência de usos de {-ste} foi desenvolvida, como já mencionado, a partir da coleta de dados em *posts* e comentários da página *Tal Qual Dublagens* no Instagram. A amostra foi composta de acordo com os seguintes passos: (i) primeiramente foram levantados todos os dados (de novembro de 2013 a 30 de maio de 2018), a partir dos quais selecionamos aqueles dos anos iniciais (2013, 2014 e 2015) e do ano final de coleta (2018), por acreditarmos que já seriam suficientes para delinear uma trajetória de uso da forma e perceber como ela se comporta ao longo desses quatro anos; (ii) em cada publicação, com o auxílio da função procurar/localizar (CTRL+F), coletamos todas as ocorrências em que {-ste} aparecia, como mostra a Figura 3.

Figura 3. Procedimento de coleta de dados



Fonte: Elaboração da autora, 2020.

Após esse levantamento, nossa amostra final ficou composta por 262 (duzentos e sessenta e dois) *posts* e um total de 1049 (mil e quarenta e nove) dados que contêm o item {-ste} em quaisquer de suas treze formas de realização: (-ste, -stes, -stez, steys, stesh, -stis, -stex, -rte, -rtes, -rtis, -rtex, -rtix, -rtyx). Desse total de dados, mais de 96,7% (1015) provêm de comentários dos seguidores, apresentando, portanto, uma baixa ocorrência no que se refere aos dados provenientes do *post* escrito. Acreditamos que um maior número de ocorrências de {-ste} nas postagens poderia estar presente nos vídeos/dublagens, mas a página foi removida do Instagram¹³. Sendo assim, ficamos impossibilitados de fazer esse controle. Portanto decidimos permanecer com a análise de produção do fenômeno somente com os dados escritos nos *posts* e nos comentários. A seguir apresentamos e discutimos os resultados provenientes da análise dessa amostra.

4 Descrição e discussão dos resultados

Esta seção compreende duas subseções. A primeira consiste na análise das motivações gramaticais, mais especificamente no que se refere ao funcionamento de traços morfossintáticos e semântico-pragmáticos que integram a configuração gramatical de

¹³ Em maio de 2019, em uma nova busca pela página no Instagram, encontramos um novo perfil, que, ao tudo indica, corresponde a Tal Qual Dublagens (@talqualoficial). A primeira postagem da nova página foi realizada no dia 23 de abril de 2019 e consiste na apresentação do novo logo da Tal Qual Dublagens e que está também como foto de perfil na *home* da página.

{-ste} (4.1); e a segunda, na análise da frequência de uso do referido item, tanto no que diz respeito às ocorrências gerais da amostra, quanto a sua produtividade em cada base contextual a que {-ste} se agrega e quanto a cada forma de realização (4.2). Ao longo das duas subseções, ancorando a análise, evidenciamos a atuação do parâmetro extensão (HEINE; KUTEVA, 2007) e dos princípios de descategorização, persistência, estratificação e especialização (HOPPER, 1991) sobre o processo de GR em questão, bem como delineamos uma trajetória de expansão do referido item inspirada no modelo metafórico-metonímico de Heine et al. (1991).

4.1 A emergência e expansão de novos usos de {-ste}

O primeiro aspecto que julgamos relevante abordar nesta subseção concerne à análise do fenômeno em relação às motivações gramaticais. Nesse sentido, nesse primeiro momento, sugerimos uma trajetória de expansão de {-ste} para outros contextos linguísticos a partir de quebra de restrições de traços morfossintáticos e semântico-discursivos que integram a configuração gramatical do uso canônico do item. São considerados os seguintes os traços: categoria gramatical da base; pessoa do discurso; função sintática de P2; tempo e modo da base verbal.

Levando em conta que a quebra de restrições ocorre de forma gradual e que cada traço rompido configura um novo uso de {-ste}, foi possível detectar nove tipos de usos inovadores, além do uso considerado canônico, que são descritos a seguir. Esses dez tipos estão associados às bases contextuais apresentadas na Seção 1.2.

O primeiro tipo, que denominamos como Tipo 0, converge, de forma geral, com a previsão normativa e apresenta a seguinte configuração gramatical: sujeito P2 (tu), podendo ser expresso ou apagado, seguido de verbo no pretérito perfeito do indicativo (PP), em que {-ste}, em suas diferentes formas de realização, apresenta os traços [+] desinência e [+] concordância verbal (não necessariamente a forma de concordância canônica), como nos exemplos abaixo.

(13) [...] *todos velhos esses vídeos que tu me marcaste*

(14) *Pq tu tirastes do youtube?*

(15) *Olha tu mana [...] arrazarte*

(16) *Agora tu grelhartes hein mana*

As formas que constituem o Tipo 0 parecem desempenhar a função comunicativa prototípica de *expressão de número e pessoa do discurso* [P2], morfologicamente categorizadas como sufixo flexional (DNP), estando esse tipo de {-ste} associado ao contexto de *base verbal canônica*. Note-se que, ao lado da forma *standard -ste*, ocorrem também outras realizações como *-stes*, *-rte* e *-rtes*. Não estamos, porém, neste momento, focalizando as alterações formais, e sim o item representado como {-ste}, que abstrai as diferentes formas de realização.

Vinculados ao contexto de *base verbal não canônica*, temos os Tipos 1, 2, 3, 4, 5, \forall e β , que emergem a partir do rompimento gradativo de traços gramaticais que configuram o uso canônico de {-ste}, presentes no Tipo 0. Cada um desses tipos inovadores corresponde ao rompimento da restrição de um certo traço gramatical. Os Tipos 1 e 2 surgem a partir do rompimento da *restrição de sujeito*, expandindo, com isso, a possibilidade de diferentes pessoas gramaticais expressarem a segunda pessoa do discurso (Tipo 1), bem como diferentes pessoas do discurso poderem ser combinadas com {-ste} (Tipo 2).

Mais especificamente, o Tipo 1 ainda está associado a sujeito de P2, mas o *tu* é substituído por outras formas de referência de segunda pessoa do discurso, como o *você* e *o/a senhor(a)*; é seguido de verbo no PP; e {-ste} possui os traços [+] desinência e [-] concordância, como podemos observar nos exemplos a seguir.

(17) *Titia você Arrasastesss!!!.lindão*

(18) *Kkkkkkk titia a senhora arrasastes, tava caralhenta msm*

Já o Tipo 2 possui quaisquer sujeitos que não P2; é seguido de verbo no PP; e {-ste} possui os traços [+] desinência e [-] concordância, como pode ser visualizado nos exemplos a seguir.

(19) [...] *cadê essa doida, pra onde ela fostes?? Auauahjajaha*

(20) [...] *olha o que nós perdestes. . . Titia talQual (ela) lacraсте na cara da sociedade*

A quebra de restrição de sujeito, como nos Tipos 1 e 2, amplia o escopo de atuação da função *expressão de número e pessoa do discurso* para além de P2 [tu], o que começa a descaracterizar o item como marca de DNP *standard*. Com o enfraquecimento/atenuação tanto da função comunicativa de {-ste}, como da categoria morfológica do item,

emergem mais dois tipos de uso inovador, o Tipo 3 e o Tipo 4.

A configuração gramatical do Tipo 3 corresponde a: sujeito associado a P2, na forma de *tu* ou de outras formas pronominais de P2, verbo no PP, em que {-ste} possui traços [-] desinência e [-] concordância, como mostram as ocorrências (21) e (22) a seguir.

(21) *Tu que roubou**stes** kkkkkkkkk*

(22) *Marra cióra [= senhora] conseguiu**ste** viu... farrê parte da realêzar**stes**... para-béns minha príncipa [...]*

Nesse tipo de uso, verificamos que alguns vestígios da configuração gramatical canônica do item ainda se mantêm, como o fato de {-ste} estar associado a P2 e a um verbo no PP. No entanto, esse tipo possui suas particularidades: (i) diferentemente do uso canônico, no Tipo 3, P2 não é restrito a *tu*, isto é, tanto essa, quanto outras formas de referência a P2 – como as mencionadas no Tipo 1 – podem ocupar a posição de sujeito; (ii) além disso, ainda que {-ste} esteja agregado a um verbo no PP, o item não corresponde à marca de desinência número-pessoal canônica, uma vez que o verbo está flexionado na terceira pessoa do singular (P3), e a essa forma já flexionada se acrescenta {-ste}: *roubou* + {-stes}, *conseguiu* + {-stes}.

Com uma configuração gramatical semelhante, emerge um outro tipo de uso, o Tipo 4. Nesse tipo, a restrição de sujeito, isto é, sua associação a formas de P2, é expandida, de modo que quaisquer pessoas do discurso, com exceção de P2, possam ocupar essa posição; {-ste} continua agregado a um verbo no PP, no entanto, assim como no Tipo 3, o item não corresponde à desinência número-pessoal canônica e nem sinaliza concordância, uma vez que o verbo já está flexionado, concordando com o sujeito da frase, como mostram (23) e (24).

(23) *arrrrrrrfs! Acho que me apaixon**ertes**. @talqualdublagens [= (eu) acho que me apaixonei]*

(24) *Olha e muita embucetacao, a titia arrazou**stes** bem tal qual [= ... a titia (ela) arrazou bem tal qual]*

A essas quebras de restrição, soma-se ainda outra que atinge *o tempo e modo verbal* em que o item é usado, fazendo emergir outros tipos, destituídos de vestígios de com-

ponentes gramaticais presentes no uso canônico de {-ste}. Nessas condições, emerge o Tipo 5, que apresenta a seguinte configuração: o item está associado a qualquer sujeito; é seguido de quaisquer tempos e modos que não PP do indicativo; e {-ste} possui os traços [-] concordância e [-] desinência, como vemos nos exemplos a seguir.

(25) *Adoooooostesx keridan! [...]* Rick e um marginal lindo.

(26) *Mar mana , e essa sobrançelha de canetinha cor de mucura em? ! Arrasô em? Carra de quê a gente quer copiar mas não acha o tom né mana , explica pa gente como é isso? Pra onde istis por onde irastes assim em?*

O rompimento da restrição de tempo e modo verbal propicia ainda o surgimento do Tipo β , como em (27) e (28), em que o item apresenta forma de pretérito perfeito do indicativo, contudo o contexto da frase situa-se nos modos subjuntivo ou imperativo. Note-se que a quebra de restrição relevante nesse tipo é a de tempo-modo verbal, uma vez que a pessoa pode continuar sendo P2.

(27) *Se não fizestes, tu te lascastes né [...]*
[= Se não fizeres, tu te lascas]

(28) *Titia muito difícil mesmo imaginastes se fostes fácil kkkkkkk*
[Titia muito difícil mesmo imagina se fosse fácil]

Além desse, o Tipo γ também se manifesta a partir da quebra de correlação forma/função, em que o emprego de {-ste} está esvaziado de sua função morfossintática de desinência número-pessoal correlacionada ao sujeito sintático. No Tipo γ , {-ste} parece assumir traços de uma outra categoria gramatical, como uma espécie de clítico de P2, com função sintática de objeto e não mais de sujeito, como em (29).

(29) *[...] eu vou aprendestes pa dizestes que eu sei cozinhar*
[= eu vou aprender pra dizer a ti que eu sei cozinhar]

Tendo sido rompidas as restrições morfossintáticas e semântico-discursivas mais importantes para a caracterização prototípica do uso de {-ste} – a pessoa do discurso (P2 [tu]), a função sintática (sujeito) e tempo e modo verbal (pretérito perfeito do indicati-

vo) –, surge o que identificamos como Tipo 6. Esse novo uso de {-ste} corresponde ao emprego do item em verbos de base nominal, mais especificamente as formas de infinitivo e gerúndio, como em (30) e (31).

- (30) *Taquipariu olha titia, marra senhora ta em tudo que lugartis só falta fazeste um Twissimir kkk @talqualdublagens [= falta fazer]*
- (31) *A senhora como sempre arrasandostes e grelhandostes, fina patricia tá meu beeeem...morrum de inveja suas mucura... [= arrasando e grelhando]*

Por fim, o uso de {-ste} associado a formas nominais do verbo (Tipo 6) parece propiciar a expansão desse item para além da base verbal. É o caso dos contextos de *base não verbal* e de *palavras de origem estrangeira*. No Tipo 7, {-ste} passa a ser agregado a outras classes de palavras, como substantivos, adjetivos, pronomes, advérbios, conjunções e expressões e ainda a palavras de origem estrangeira, sem a necessidade de vinculação verbal, conforme os exemplos a seguir.

- (32) *Kkkkk ... Esse feriado e esse final de semana prometem! Mas passa Hipoglostes depois pra não ficar assada.*
- (33) *Deixa de ser trukeirastes, a senhora fez montagem com esse recadostes, fuleira, fuleira, fuleironastes.*
- (34) *@talqualdublagens eita que elastest vai finalizar esse fds em buchada na linguiça... kkkkkkk*
- (35) *Bica tu é ignorante demairtes kkkkk*
- (36) *Porqueste eu amo mittos,e adolo tia apertarrerme...*
- (37) *[...] pelo amor de Deustess Ahahahahahahahahahahahahah*
- (38) *#NoPainstes #NoGainstes..km*
- (39) *Ksksksksksk hidrata com shampoostes?*
- (40) *[...] "sorrystes" kkkkkkkkkkkk*

As particularidades que ocorrem com o Tipo 7 – que, na realidade, já se iniciam com o enfraquecimento da categoria de DNP que se dá a partir dos Tipos 2 e 3, e com a

emergência de espécie de clítico no Tipo V – evocam a atuação de dois princípios propostos por Hopper (1991), a descategorização e a persistência, mostrando, a nosso ver, indícios de que a emergência de novos usos de {-ste} configura-se como um processo de mudança via GR.

No que se refere à descategorização, na passagem do contexto de base verbal não canônica para o contexto de base não verbal e de palavras de origem estrangeira, é possível observar que {-ste}, em termos de categoria gramatical, não corresponde mais à categoria morfológica de sufixo flexional (DNP), mas a algo que entendemos, por ora, como espécie de sufixo derivacional, configurando um processo em que o item perde traços da categoria-fonte e se recategoriza com base em propriedades da categoria-alvo (VALLE, 2014).

A mudança de categoria gramatical pela qual {-ste} passa parece indicar, nos dados analisados, uma trajetória do tipo sufixo flexional > espécie de clítico > espécie de sufixo derivacional, que se opõe ao que versam os princípios e as hipóteses clássicas de GR como redução, que preveem que um item já gramatical se torne ainda mais gramatical. No caso em tela, à medida que ocorre o enfraquecimento dos traços gramaticais que constituem a função comunicativa prototípica do item – que é expressão de número e pessoa do discurso correspondente ao sujeito de [P2] em PP – seu escopo funcional é ampliado pela expansão de contextos de uso.

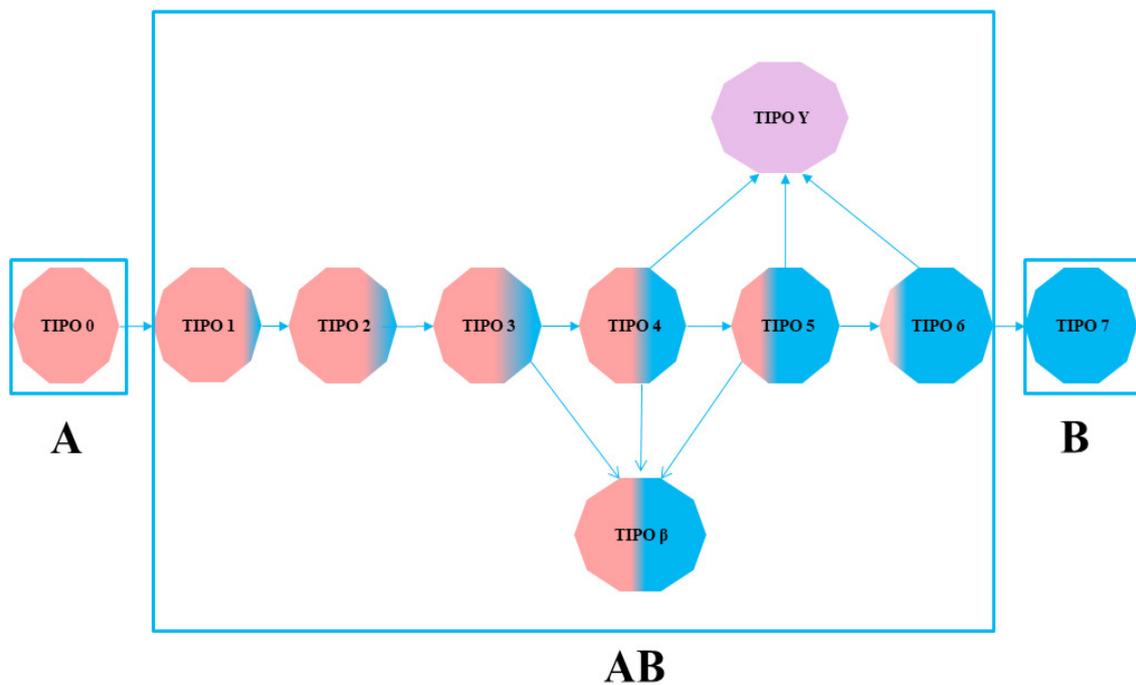
Verificamos que, quando empregado nos contextos de base não verbal e palavras de origem estrangeira, o item pode ainda ter alguma associação, mesmo que indireta, com P2 (como pessoa do discurso), como em (35) em que “demairtes” está modificando um predicativo (ignorante) cujo sujeito é “tu”; ou como em (37), em que não é possível recuperar no dado a relação com P2, e sim a partir da inferência da presença do componente intersubjetivo, isto é, o fato de que o dado como um todo (nesse caso, o *post* escrito ou o comentário de um seguidor) continua apontando para um interlocutor/ouvinte que se associa a formas pronominais de segunda pessoa do discurso.

Nesse caso, o que parece estar envolvido no processo gradual de mudança é o princípio da persistência, que está associado ao fato de que durante alguns estágios do processo de mudança é possível identificar certos traços em comum entre a forma-fonte e a forma em GR, como é o caso da persistência da associação a P2 (mesmo que de maneira indireta), tanto no contexto de base verbal, quanto no contexto de base não verbal ou de palavras de origem estrangeira.

É através da permanência desses traços que conseguimos recuperar, hipoteticamente, a trajetória de expansão do item {-ste} e, em certa medida, projetar que funções a forma destino pode vir a desempenhar com base em características da forma-fonte (HOPPER, 1991). Portanto, a persistência é, por assim dizer, um dos aspectos mais preponderantes no processo de mudança via GR, uma vez que os traços identificados por esse princípio marcarão as particularidades semântico-discursivo-pragmáticas da forma que se recategoriza (LOPES, 2010).

A partir da descrição e análise do funcionamento de {-ste}, sugerimos que os nove tipos inovadores a partir do uso gramatical canônico do item podem ter sua trajetória representada na Figura 4, baseada no modelo metafórico-metonímico proposto por Heine et al. (1991).

Figura 4. Expansão contextual de uso de {-ste}



Fonte: Elaboração da autora, 2020

Acreditamos que a Figura 4 ajude a elucidar o processo de mudança sugerido para {-ste}, indicando a emergência de usos inovadores, com novos significados e funções. Na figura, A e B correspondem a dois domínios distintos, associados, respectivamente, a contexto de *base verbal canônica* e de *base não verbal*. Entre um e outro, há etapas de sobreposição, que são ilustradas pelo gradiente de cores. O domínio A é codificado por {-ste}

que funciona como sufixo flexional número-pessoal que marca o sujeito sintático de P2 em PP. O domínio B é codificado por {-ste} que funciona, aparentemente, como sufixo derivacional, associado, provavelmente, a aspectos estilísticos e identitários, em relação aos quais não vamos nos deter agora por fugirem ao escopo deste artigo. A multifuncionalidade que se manifesta no entremeio sinaliza uma expansão de usos por contiguidade metonímica.

Sob a força de processos metonímicos, a cada pequeno movimento de expansão dos traços que rompem restrições de uso do item, a partir do contexto de base canônica, a forma progressivamente vai adquirindo propriedades do item-alvo. Além disso, os significados que o item vai adquirindo passam a ser continuamente reinterpretados (realizados) a partir do contexto, possivelmente por implicaturas conversacionais, as quais direcionam a um maior fortalecimento pragmático.

É importante ressaltar que, ainda que o processo de mudança via GR seja basicamente unidirecional, isso não implica que os novos usos devam emergir sempre de forma linear. No que se refere à amostra desta pesquisa, observamos que novos usos de {-ste} parecem nem sempre surgir de um único tipo. Alguns, como os Tipos β e \forall – que parecem resultar do conjunto de restrições rompidas nos Tipos 3, 4 e 5 e 4, 5 e 6, respectivamente –, podem emergir a partir de uma mescla de características representativas de mais de um tipo, o que faz com que os consideremos como tipos híbridos. Acreditamos que tal funcionamento seja decorrente de alguma associação por contiguidade que os falantes depreendem do contexto comunicativo.

Além da descrição do uso canônico e de usos inovadores de {-ste}, o segundo aspecto que julgamos relevante para esta análise diz respeito à frequência e produtividade do item, o que, de acordo com Bybee (2003), configura-se como um importante aspecto para atestar a hipótese de GR.

4.2 Frequência

No que se refere às ocorrências gerais de {-ste} na amostra, a Tabela 1 exhibe a frequência do item em cada um dos contextos linguísticos analisados, além dos casos de contexto ambíguo¹⁴, bem como a frequência de cada tipo de uso no âmbito de cada contexto.

Antes de apresentarmos e comentarmos os resultados, alguns pontos devem ser

¹⁴ Foram encontrados três casos de *contextos* ambíguos, cujos *tipos* não foram computados.

esclarecidos. Primeiro, na tabela, decidimos incluir no contexto de base não verbal as ocorrências de palavras de origem estrangeira (cerca de 2% [20/1049] do total de dados analisados). Segundo, entendemos como contexto ambíguo, aquelas ocorrências em que não é possível identificar qual é a base, podendo haver várias possibilidades de interpretação, como em (41), por exemplo, em que o sujeito tanto pode ser P2 (= tu me lascastes) – o que indicaria que {-ste} é agregado a um contexto de base verbal canônica; quanto outras pessoas do discurso, como P1, P3 (= eu me lascastes; ela me lascastes) – o que indicaria que {-ste} está associado a contexto de base verbal não canônica.

(41) [...] *me lascastes* [...]

E, por último, os números destacados em negrito na Tabela 1 correspondem aos contextos, e os números sem destaque correspondem aos tipos que se distribuem no universo de cada contexto.

Tendo esclarecido esses pontos, passemos para os resultados. No que se refere à frequência de {-ste} quanto ao contexto linguístico de uso, verificamos que o contexto mais produtivo é o de base verbal não canônica (50,1%), seguido pelo de base verbal canônica (28,8%) e o de base não verbal (20,8%).

A alta produtividade de {-ste} no contexto de base verbal não canônica reflete o espalhamento do uso do item decorrente do rompimento gradual de restrições gramaticais, resultando em diferentes configurações, conforme descrito na seção precedente. De acordo com a expansão contextual representada na Figura 4, esse seria um contexto híbrido (AB), de transição do contexto de base verbal canônica (A) para o contexto de base não verbal (B) que já não reteria nenhum traço gramatical do primeiro. Como se trata de usos emergentes e multifacetados – sendo o contexto B o mais inovador e o menos frequente –, a alta taxa de ocorrências de {-ste} em contexto AB reflete a trajetória de expansão de uso do item. Assim, por mais que a frequência seja um importante balizador para a hipótese de GR, nem sempre a forma mais gramaticalizada será a mais frequente, como ocorre com o objeto desta pesquisa, tido como um caso de GR por expansão. Além disso, cabe salientar que o uso do item com base verbal canônica, também apresenta uma certa regularidade já que tal contexto corresponde a quase 30% das ocorrências.

Tabela 1. Frequência de {-ste} por *bases contextuais* e por *tipos* de uso

Bases contextuais/ Tipos de uso	No. de ocor./Total	%
Base verbal canônica	302/1.049	28,8
Tipo 0	302/302	100
Base verbal não canônica	526/1.049	50,1
Tipo 1	22/526	4,2
Tipo 2	51/526	9,7
Tipo 3	19/526	3,6
Tipo 4	125/526	23,8
Tipo 5	24/526	4,5
Tipo β	09/526	1,7
Tipo γ	63/526	12,0
Tipo 6	190/526	36,0
Ambíguo	23/526	4,5
Base não verbal	218/1.049	20,8
Tipo 7	218/218	100
Base ambígua	03/1.049	0,3

Fonte: Elaboração da autora, 2020.

Já no que se refere à frequência dos dez tipos de uso de {-ste} (além do ambíguo), observa-se que, em relação ao geral de ocorrências, os tipos mais frequentes são o Tipo 0 (302/1.049 = 28,8%), seguido do Tipo 7 (218/1.049 = 20,8) e do Tipo 6 (189/1.049 = 18,1%), distribuídos, respectivamente, nos contextos de base verbal canônica – ex. (13) a (16) –, base não verbal – ex. (32) a (40) – e base verbal não canônica – ex. (30) e (31) –, sendo que os dois primeiros contextos apresentam apenas um tipo cada um. É interessante observar que o Tipo 6 corresponde a contexto verbal não canônico de natureza nominal (infinitivo e gerúndio), aquele cujas características mais se aproximam do contexto de base não verbal que abriga o Tipo 7, tido como o uso mais inovador. No contexto de uso mais espreado, além do Tipo 6, o Tipo 4, que rompe com a restrição de sujeito sintático de P2, também se apresenta bastante produtivo (125/1.049 = 11,9%) – ex. (23) e (24).

Além dos oito tipos que integram o contexto de base verbal não canônica, a codificação dos dados nos permitiu observar a emergência de um tipo ambíguo, em que a possibilidade de identificação de certos traços, como o de pessoa do discurso, função sintática de P2 e tempo e modo da base verbal, apontam para mais de uma possibilidade de tipos, como nas ocorrências a seguir.

(42) @naiandraade ahaz**stes**

(43) Mas tia ainda bem que o tempo pass**astes** né, hoje é puro glamour!

Em (42), a posição de sujeito pode tanto ser ocupada por P2, se “ahaz**stes**” estiver se referindo ao seguidor marcado no comentário – Tipo 3; quanto por P3 (ela), caso a referência seja à tia Tal Qual – Tipo 4. Já em (43), temos um caso de ambiguidade em relação ao tempo verbal, isso porque em “o tempo pass**astes**”, {-ste} pode tanto ter sido empregado após a flexão do verbo que está no presente do indicativo (“o tempo passa”) – Tipo 4; quanto corresponder à desinência verbal – Tipo 2.

O tipo identificado como ambíguo apresenta uma baixa frequência no contexto em que se manifesta, o de base verbal não canônica, representando 4,5% das ocorrências nesse contexto. Das 23 ocorrências, 20 correspondem a ambiguidade em relação à pessoa do discurso e três, a tempo e modo da base verbal.

A expansão contextual que captamos em termos de tipos de uso mostra a quebra gradual de restrições morfosintáticas e semântico-pragmáticas originariamente associadas ao uso de {-ste}, ocasionando um deslizamento gradativo na correlação forma-função. A esse rompimento gradual de restrições corresponde a emergência de usos cada vez mais inovadores. Essa inovação se dá pelos falantes (membros da CP em questão) durante as relações interacionais com o outro (interlocutor/ouvinte), o que leva a um constante balanceamento entre expressividade e frequência de uso.

A seguir, nos detemos nas diferentes formas de ocorrência de {-ste}. Como mencionado em seções anteriores, {-ste} possui treze formas alternativas de realização (-ste, -stes, -stez, steys, stesh, -stis, -stex, -rte, -rtes, -rtis, -rtex, -rtix, -rtyx). A Tabela 2 apresenta a distribuição das formas mais frequentes (-stes, -rtes, -ste) na amostra, sendo as demais formas reunidas como *outras*.

Em cada contexto linguístico, as treze formas alternativas são potencialmente intercambiáveis, o que nos leva a entendê-las como possíveis variantes ou como camadas de um mesmo domínio funcional, o que ativa o entendimento do funcionamento de {-ste} a partir do princípio de estratificação (HOPPER, 1991). Neste artigo abordamos, contudo, o fenômeno sob a ótica da variação linguística.

Tabela 2. Frequência das *formas* de realização de {-ste} em relação às bases contextuais e aos *tipos* de uso

Bases contextuais/ Tipos de uso	Nº. de ocor. / %				Total ¹⁵
	-stes	-rtes	-ste	Outras	
Base verbal canônica Tipo 0	187 / 17,9%	36 / 3,5%	74 / 7,0%	05 / 0,4%	1.049
	187 / 61,9%	36 / 11,9%	74 / 24,5%	05 / 1,7%	302
Base verbal não canônica	281 / 26,8%	168 / 16%	54 / 5,1%	23 / 2,2%	1.049
Tipo 1	12 / 54,5%	03 / 13,6%	07 / 31,9%	00 / 0%	22
Tipo 2	32 / 62,7%	11 / 21,6%	06 / 11,8%	02 / 3,9%	51
Tipo 3	10 / 52,6%	04 / 21,1%	04 / 21,1%	01 / 5,2%	19
Tipo 4	96 / 76,8%	11 / 8,8%	13 / 10,4%	05 / 4%	125
Tipo 5	17 / 70,8%	05 / 20,8%	01 / 4,2%	01 / 4,2%	24
Tipo β	08 / 88,9%	01 / 11,1%	00 / 0%	00 / 0%	09
Tipo γ	27 / 43,0%	29 / 46%	04 / 6,3%	03 / 4,7%	63
Tipo 6	65 / 33,9%	98 / 51,8%	16 / 8,5%	11 / 5,8%	190
Ambíguo	14 / 62,5%	06 / 25%	03 / 12,5%	00 / 0%	23
Contexto de base não verbal Tipo 7	136 / 12,9%	68 / 6,5%	06 / 0,6%	08 / 0,8%	1.049
	136 / 62,4%	68 / 31,2%	06 / 2,7%	08 / 3,7%	218
Contexto ambíguo	01 / 0,1%	01 / 0,1%	01 / 0,1%	00 / 0%	1.049
Total	605 / 57,7%	273 / 26%	135 / 12,9%	36 / 3,4%	1.049

Fonte: Elaboração da autora, 2020.

Em termos gerais, chama a atenção a alta concentração da forma *-stes* (57,7%) na amostra seguida de *-rtes* (26%) em contraponto com *-ste* (12,9%), que é a DNP *standard* de P2 (tu) em PP. As duas primeiras formas de realização do item mantêm-se como as mais produtivas no contexto de base verbal não canônica e no contexto de base não verbal. Já no contexto de base verbal canônica, as formas predominantes são *-stes* e *-ste*, ficando *-rtes* em terceira posição. Note-se que mesmo que o contexto seja tido como canônico, não é a forma *standard* de DNP *-ste* que é a mais recorrente nesse ambiente, o que nos leva a considerar que no interior do domínio A (Figura 4), tido como o domínio fonte, ainda temos graus de afastamento do que seria, de fato, o ponto de partida da expansão contextual: a forma *-ste*.

¹⁵ Na Tabela 2, o percentual associado às bases contextuais (números em negrito) foi calculado em relação ao total de 1.049 dados. O percentual associado aos tipos de uso foi calculado em relação ao total de cada tipo.

Em relação aos tipos de uso, *-stes* mantém-se como a forma preferencial de realização em praticamente todos os tipos, à exceção dos Tipos 5 e 6, que têm *-rtes* como a forma mais frequente. Já *-ste* oscila entre a segunda e a terceira posição entre os tipos, aproximando-se mais de *-stes* nos Tipos 0, 1 e 4, e empatando na segunda posição com *-rtes* no Tipo 3.

Para finalizar, de modo geral, os resultados apontam que *-stes* é a forma mais frequente não só em relação ao total de ocorrências da amostra, mas também nos três contextos linguísticos, além de ser mais produtiva em quase todos os tipos de uso, conforme mostram os resultados da Tabela 2. Embora o processo de expansão contextual que traz usos inovadores de {-ste} seja ainda emergente na comunidade de práticas examinada, é possível, a partir dos resultados obtidos, aventar que a forma *-stes* esteja se especializando por generalização (HOPPER, 1991), estabelecendo-se como a representante majoritária em cada um dos contextos linguísticos em que o item se manifesta. Por sua vez, no que se refere aos tipos de uso, a forma *-rtes* vem despontando como a mais representativa do Tipo 6, o que sugere uma possível especialização por especificação, nos termos de Tavares (2003), que levaria a forma a se concentrar em contextos semântico-pragmáticos e/ou morfossintáticos específicos.

5 Considerações finais

Neste artigo analisamos motivações correlacionadas à emergência e expansão de novos usos para o item {-ste} na página *Tal Qual Dublagens*. A partir das evidências apresentadas, acreditamos ser possível afirmar que essa inovação linguística pode ser considerada como um processo de mudança gradual, que envolve processos de expansão e de fortalecimento pragmático, assumido aqui como GR.

Em termos de expansão categorial, nossa hipótese interpretativa, que precisa continuar a ser investigada, é de que a expansão contextual tem provocado um deslizamento na relação forma-função, de modo que {-ste} deixa gradativamente de funcionar como sufixo flexional número-pessoal, passando a funcionar como espécie de sufixo derivacional.

Retomando os resultados, é possível dizer que a expansão envolvida no uso de {-ste} é desencadeada por quebras sucessivas de restrições dos componentes que constituem a configuração gramatical canônica de ocorrência do item. Esse rompimento é pro-

vocado pelos falantes que interagem na página *Tal Qual Dublagens*, ambiente virtual em que a comunicação é requerida a todo momento e que acaba submetendo os sujeitos a pressões de informatividade, o que leva a usos inovadores, incluindo usos ambíguos, que necessitam de reforço pragmático, rompendo barreiras contextuais e instaurando novos significados.

Além disso, embora não tenhamos explorado nesta pesquisa, acreditamos que pressões de outra natureza podem também ser responsáveis pela emergência desses novos usos de {-ste}. Se considerarmos que esses usos emergem em uma comunidade de práticas e, segundo Kiesling (2013), a noção de CP oferece uma nova lente para se entender o modo como os indivíduos constroem e mantêm suas identidades e relacionam modos de fala com modos de participação no mundo social, o processo de expansão aqui analisado pode estar associado a outros fatores extralinguísticos, mais especificamente de natureza estilístico-identitária. Além disso, tendo em vista as características da página, a natureza dos conteúdos produzidos e o papel social assumido por Gustavo Libório (“titia Tal Qual”), como comediante, o uso de {-ste} parece estar fortemente associado ainda a uma função humorística, a qual também pode estar correlacionada à emergência dos usos inovadores do item. Entendemos que tal função pode estar relacionada à persistência de alguns dos traços gramaticais que configuram o uso canônico de {-ste}, sobretudo o traço de segunda pessoa do singular, mesmo em contextos de uso não canônico, justamente porque esse recurso humorístico, a nosso ver, configura-se como mais uma marca de identificação desse grupo social (CP Tal Qual Dublagens).

A pesquisa de Amaral (2020) se ocupa em discutir essas questões de forma mais aprofundada, trazendo evidências de que a emergência e a expansão de novos usos, sobretudo em se tratando de {-ste}, podem estar correlacionadas, além de motivações semântico-pragmáticas, a motivações socialmente simbólicas, contribuindo para a crescente discussão sobre a relação entre gramaticalização e identidade.

O último comentário que fazemos é que é importante deixar claro que embora tenhamos interpretado o objeto deste estudo como um caso de GR, assumimos que se trata de uma hipótese sincrônica e não uma situação de mudança implementada. A mudança de fato poderia ser observada a partir da verificação de um *corpus* mais amplo, com mais CPs através de uma investigação longitudinal mais longa, sugestão que apontamos como futuros encaminhamentos.

Referências

- AMARAL, K. O. do. *Enfraquecimento das fricativas na fala manauara retratado na página Tal Qual Dublagens*. 2016. 19 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Letras). Universidade do Estado do Amazonas, 2016.
- AMARAL, K. O. do. *Emergência de usos, variação e identidade: o caso de {-ste} na página Tal Qual Dublagens*. 2020. 257 f. Dissertação [Mestrado em Linguística] – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.
- BERÇOT-RODRIGUES, S. F. *A realização da fricativa glotal na fala manauara*. 2014. 98 f. Dissertação [Mestrado em Letras] – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.
- BYBEE, J. Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency. In: JOSEPH, B.; JANDA, R.D. (Eds.) *The Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2003.
- BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- BYBEE, J. From usage to grammar: the mind's response to repetition. *Language*, v. 82, n. 4, p.711-733, 2006.
- BYBEE, J.; HOPPER, P. *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.
- ECKERT, P. Communities of Practice. In: BROWN, K; ANDERSON, A. H. (eds.). *Encyclopedia of Language and Linguistics*, Vol. 2, Oxford, Elsevier: 2006, p. 683-685.
- GIVÓN, T. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conception framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.
- HEINE, B.; KUTEVA, T. *The Genesis of Grammar: a reconstruction*. New York: Oxford University Press, 2007.
- HINE, C. *Virtual Ethnography*. London: SAGE Publications, 2000.
- HOPPER, P; TRAUGOTT, E.. *Grammaticalization*. 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. E-BOOK.
- HOPPER, P. Emergent grammar. In: *Berkeley Linguistics Society*, n. 13, p. 139-157, 1987.
- HOPPER, P. On some principles in the grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (eds.) *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1991. v. 1 e 2., p.7-35.
- KIESLING, S. F. Constructing Identity. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P; SCHILLING, N. (eds.) *The Handbook of Language Variation and Change*. 2 ed. Oxford, U.K.: Blackwell, 2013, p. 448-467.

KÖVECSES, Z. *Metaphor: A Practical Introduction*. (2nd Ed.) New York: Oxford University Press, 2010.

LEHMANN, C. Grammaticalization: synchronic variation and diachronic change. *Lingua e stile*, n. 20, p. 303-318, 1985. Disponível em: http://www.christianlehmann.eu/publ/syn_dia.pdf.

LOPES, R. S. A persistência e a decategorização nos processos de gramaticalização. In: VITRAL, L.; COELHO, S. (orgs). *Estudo de processos de gramaticalização em português: metodologias e aplicações*. São Paulo: Mercado das Letras, 2010.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ e ENTÃO: estratificação/variação e mudança no domínio funcional de sequenciação retroativa-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. 2003. 286 f. Tese [Doutorado em Linguística] – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TRAUGOTT, E. The role of the development of discourse markers in a theory of grammaticalization. Paper presented at *ICHL XII*, Manchester: Stanford University, p. 1-29, 1995.

TRAUGOTT, E. Pragmatic strengthening and grammaticalization. *Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*, p. 406-416, 1988.

TRAUGOTT, E. From etymology to historical pragmatics. In: MINKOVA, D.; STOCKWELL, R. (eds.). *Studying the History of the English Language: Millennial perspectives*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2002. p. 19-49.

TRAUGOTT, E. "All that he endeavoured to prove was...": On the emergence of grammatical constructions in dialogic contexts. In: COOPER, R.; KEMPSON, R. (orgs.). *Language in Flux: Dialogue Coordination, Language Variation, Change and Evolution*. Londres: Kings College Publications, p. 143-177, 2008.

TRAUGOTT, E. Grammaticalization. In: LURAGHI, S.; BUBENIK, V. (orgs.). *Continuum companion to historical linguistics*. London/New York: Continuum International Publishing Group, 2010. p. 269-283.

TRAUGOTT, E; KÖNIG, Ekkehard. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (eds.). *Approaches to grammaticalization: focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, v. 1 e 2, 1991. p. 189-218.

RUIZ DE MENDOZA, F. J. On the nature and scope of metonymy in linguistic description and explanation: towards settling some controversies. In: LITTLEMORE, J., TAYLOR, J. (eds.), *Bloomsbury companion to Cognitive Linguistics (Forthcoming)*. London: Bloomsbury, 2014.

VALLE, C. R. M. *Multifuncionalidade, mudança e variação de marcadores discursivos derivados de verbos cognitivos: forças semântico-pragmáticas, estilísticas e identitárias em competição*. 2014. 415 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

VASCONCELOS, S. T. *A interferência dialetal na representação gráfica de fricativas na escrita de manauaras*. 2017. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Letras). Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2017.



Data de submissão: 12/12/2019

Data de aceite: 24/04/2020